

Ruas do Medo - a violência policial direcionada a pessoas pretas em Curitiba¹

Bruna DURIGAN²

José Carlos FERNANDES³

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

Durante 2022 e parte de 2023, repórter fotográfica recolheu pequenas e grandes histórias de violência e racismo sofridas por pessoas pretas, a partir de forças policiais. O cenário dessa tragédia social é a cidade de Curitiba, festejada pelos marqueteiros pelos supostos índices de civilidade que ostenta. Paralelo às oitivas com esses anônimos, a jornalista se dispôs a recolher depoimentos de parte de suas fontes, empenho do qual resultou, também, uma série de fotos-perfil e o livro *Ruas do medo*. Trata-se de uma coletânea contundente sobre as evidências dos crimes praticados contra a população negra, com base em raízes históricas (GOMES, 2018) e sociológicas (BENTO, 2022). Seu efeito, além da indignação, é mover mais e mais pessoas a se alistarem nas fileiras antirracistas (RIBEIRO, 2019)

PALAVRAS-CHAVE: violência; policial; racismo; branquitude; antirracismo

INTRODUÇÃO

No contexto do combate policial aos diferentes tipos de violência que atingem as cidades, nota-se que, contraditoriamente, não acontecem avanços significativos na diminuição de delitos, mas sim aumento constante na violência direcionada a áreas periféricas e a um recorte populacional específico – as pessoas pretas (CAMPOS, 2018). A cidade de Curitiba, vendida no *city marketing* (SANCHEZ, 2010) como modelo, não é uma exceção. A favelização foi um processo acentuado após o marco da Abolição da Escravatura, em 1888 (GOMES, 2019); mesmo nesses anos 20 do século XXI, as grandes cidades continuam restringindo seu olhar à problemática construída por décadas, perpetuando violências históricas (LARANJEIRA, 2014; SILVA, LEITE, 2007).

¹ Trabalho apresentado no Intercom Júnior – Jornalismo, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), email: brunadurigan7@gmail.com.

³ Doutor e mestre em Estudos Literários, professor do Departamento de Comunicação, orientador do trabalho, email: zeca@ufp

As consequências da marginalização de corpos específicos continuam presentes diante de um olhar excludente, tanto político, quanto social. A violência policial é direcionada majoritariamente às pessoas negras, movida por um conjunto de discursos irracionais que percorrem todas as ruas das cidades brasileiras. A violência policial no Brasil é direcionada e recortada para corpos que não apresentam ao capital da branquitude (BENTO, 2022) de um colonizador europeu.

A população negra no Brasil representa mais de 50% da população (IBGE) e também corresponde a 77% das vítimas de assassinato no Brasil (IPEA, 2021). A criação de poderes policiais que atuam com extrema violência é a solução para tornar a sociedade menos violenta ou a estratégia para perpetuar uma estrutura racista de extermínio? (GALEANO, 2010).

O interesse da autora pelo tema nasceu de uma angústia antiga. Meu ensino escolar foi integralmente público, no qual interagi com diferentes realidades sociais: passava pelos alunos que não retornavam para casa depois do horário escolar, para terem exclusivamente duas refeições no dia; e pelos alunos que descreviam suas férias internacionais nas redações escolares. Dentro desse ambiente, presenciei várias formas de violência, tanto verbal, quanto física.

O presente trabalho se direciona para uma violência específica, referente a um dos momentos da infância da autora em que a bolha protetora foi furada: ter presenciado uma agressão direcionada, crônica e angustiante a um estudante negro, pelo simples motivo de ser negro. Entre as motivações da escolha pelo livro fotorreportagem, fica paixão e motivo de permanência no curso, o fotojornalismo. O tema despertou desde a primeira manifestação nas marchas contra o golpe que derrubou a presidenta Dilma Rousseff.

O ingresso na faculdade se deu no ano da possível eleição do ex-presidente, em 2018, o que provocou a participação em todas as manifestações humanamente possíveis. Foi entre os atos que uma câmera foi emprestada, fazendo nascer ali uma futura fotógrafa. A insegurança teve de ser vencida, nesse período. Por alguns anos, o resultado das fotos não tinha aprovação, até encontrar bons resultados. A escolha se deu sobre o preto e branco. Não era uma opção que as fotos não fossem guiadas por essa ausência de saturação.

Dentre os dados que mostram o cruel cenário que emergem das violências do racismo estrutural direcionadas às pessoas pretas: segundo relatório anual da OMS (2018) sobre as estatísticas da saúde global, o Brasil ocupa a nona posição entre os países mais

violentos do mundo. Em 2017, apenas 32% das pessoas pretas tinham o ensino superior completo, enquanto 66% eram brancas. Entre os indivíduos com 15 anos ou mais, cerca de 72,5% dos jovens analfabetos eram pretos ou pardos no ano de 2022. No Paraná, em 2017, as mortes decorrentes de intervenção policial foram de oito causadas pela Polícia Civil; e de 220 causadas pela PM – em ações fora do serviço foram registrados 39 casos. Enquanto o número de policiais civis mortos em confronto é de seis e da polícia militar de quatro mortos.

Em 2018, a Polícia Civil foi responsável por 13 mortes, a militar por 283 e em ambas foram responsáveis por 24 mortes em ações fora do serviço. Entre os anos de 2017 e 2018 a porcentagem de mortes ocasionadas ao contato com a polícia correspondia a 24,4% entre pessoas brancas, enquanto a morte de pessoas negras atingia os 75,4%. Na confirmação das crescentes ondas de violência, conservadorismo e discriminação, no Brasil o número de células nazistas entre os anos de 2015 e 2022 foi de 72 grupos para 1.115. Curitiba ocupa o terceiro lugar entre as cidades com o maior número de células, com cinquenta grupos identificados (IPEA, 2015).

Este trabalho, intitulado *Ruas do medo*, foi construído a partir das entrevistas e depoimentos, feitos com oito pessoas pretas que narram diferentes realidades. Nos depoimentos, vão além da discriminação envolvendo os agentes de segurança. Tratam também de outras agressões racistas. Os personagens negros que deram entrevista para o livro são: Diorlei Santos - arte educador na ONG Passos da Criança, na Vila Torres, em Curitiba, primeira ocupação irregular da capital paranaense, com registros já nos anos 1950. Diorlei é também presidente do Bloco Afro Pretinhosidade. Giorgia Tais Xavier Prates, 44 anos, fotojornalista, ativista social, vereadora em Curitiba pelo PT; Renato Freitas, 39 anos, ativista, advogado pela UFPR, deputado estadual PT, ex-líder estudantil – ficou conhecido nacionalmente depois de sofrer perseguição ao entrar com manifestantes na Igreja de Nossa Senhora do Rosários dos Pretos, na capital paranaense. João Eduardo Pereira Pedro, 24 anos - jornalista esportivo, assessor de comunicação. Rei Seely, 34 anos, poeta haitiano, com obra publicada, pesquisador na área da educação na Universidade Federal do Paraná; Juliana dos Santos Barbosa, 47 anos, professora e pesquisadora de Relações Públicas na Universidade Federal do Paraná (UFPR), doutora e pós-doutora em Estudos da Linguagem; estudiosa de samba, jurada das escolas de samba no Rio de Janeiro. Luiz Geraldo Santos da Silva, 59 anos, professor do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná. É doutor em História

Social, autor de livros como *Escravos marinheiros, senhores e locadores*, além de trabalhos de ficção.

Todos os personagens residem em Curitiba e contam suas histórias com intuito de tornar nítido que a violência policial acontece em todas as ruas da cidade e não se concentra nas áreas periféricas (CHAUÍ, 2017; SILVA, 1990).

Mostram que esse combate nem sequer tem o intuito de combate ao crime, sendo, sim, um pretexto racista e genocida. Os retratos que acompanham as entrevistas foram realizados com autorização dos depoentes. As fotos tiradas da cidade, parte do conjunto, foram realizadas em grande maioria após o contato com as fontes, objetivando fotografar com o sentimento que movia a fotógrafa após os relatos. Além do objetivo central de expor como a violência policial direcionada a pessoas pretas atinge toda a cidade, o livro trata, como conclusão, da necessidade da responsabilização por parte da branquitude, o reconhecimento do racismo como estrutura (SZABÓ, RISSO, 2018), o que é exorbitantemente maior que os indivíduos e suas ideias particulares. Pessoas brancas precisam se reconhecer como racistas e se posicionar e agir como antirracistas.

UMA EXPERIÊNCIA EM LIVRO

A intenção desse trabalho é: a) em forma de livro-reportagem, referenciar as possíveis origens que tornaram o Brasil um país que observa a violência com naturalidade, b) buscar autoridades e fontes para aprofundar os conflitos da cidade de Curitiba, escolhida como foco desta pesquisa c) registrar por entrevistas e pelo fotojornalismo o sentimento dos indivíduos que tem a violência sistematicamente direcionada aos seus corpos.

Originado do genocídio de sua etnia original, o Brasil encontra suas estruturas de violência presentes nas ruas de todas as suas cidades. Dentro de um cenário de diversas formas e graus de violência, este trabalho pretende se aprofundar no direcionamento sistemático pelo recorte da cor. Inegavelmente o Brasil mata massivamente suas “minorias”, esse é um dado reforçado em diferentes momentos históricos, mas também na atualidade. Ao menos cinco pessoas negras foram mortas por ações policiais por dia em 2021, dentre sete cidades e estados brasileiros. Esse dado está longe do direito de ser naturalizado (RIBEIRO, 2019).

Ainda na problemática do direcionamento da violência a grupos já historicamente oprimidos, temos fatores que agravam ainda mais essa situação: a falta de um direcionamento político que invista massivamente em diminuir a desigualdade social no país, tanto na disponibilização do ensino quanto na segurança física e psicológica desses indivíduos, a persistência na não reestruturação na forma em que o combate ao crime é exercido, procurando resolver a causa do aumento da criminalidade e não eliminando pessoas que já nascem marcadas como vítimas de realidades excludentes.

Nesse contexto, as polícias estão sujeitas aos incentivos políticos à militarização social. No Paraná, em 2017, as mortes decorrentes de intervenção policial foram de oito causadas pela polícia civil e de 220 causadas pela PM, em ações fora do serviço foram registrados 39 casos. Enquanto o número de policiais civis mortos em confronto é de seis e da polícia militar de quatro mortos. Em 2018 a polícia civil foi responsável por 13 mortes, a militar por 283 e em ambas foram responsáveis por 24 mortes em ações fora do serviço (IPEA, 2015).

Ainda se atentando aos números de letalidade movimentados principalmente pela Polícia Militar, vale expor que o número de suicídios entre a PM é maior que o número de profissionais mortos em serviço. Em 2017, o número é de seis suicídios e em 2018 de oito. A imersão em um sistema policial violento também retorna aos profissionais que atuam dentro da corporação direcionando sua atuação aos princípios que cabem em seu juramento. Entre os anos de 2017 e 2018, a porcentagem de mortes ocasionadas ao contato com a polícia correspondia a 24,4% entre pessoas brancas, enquanto a morte de pessoas negras atingia os 75,4%.

Em tempo, a população negra no Brasil representa mais de 50% da população (IBGE) e também corresponde a 77% das vítimas de assassinato no país (ATLAS, 2021).

CURITIBA

Em 2022, Curitiba foi a cidade que mais registrou vítimas em confrontos com agentes de segurança, com 121 mortes. No mesmo ano, o total de mortes registradas e relacionadas diretamente ao confronto com as policias chegou a 488. Segundo os dados disponibilizados pela Ipea (2015), Curitiba ficou entre as 400 cidades com maior número de homicídios por arma de fogo do Brasil, em 2000, com 147 mortes entre a faixa etária de 15 a 29 anos. No mesmo período a cidade registrou um total de 189 homicídios, entre as mesmas idades. É impossível dissociar o crescimento de ondas conservadoras e

fascistas do avanço da militarização e a um embate direto ao crescimento da ocupação pelas diversidades em diferentes espaços de poder, vistos por séculos como excludentes e exclusivamente brancos.

O LIVRO REPORTAGEM

Para a confecção do produto em formato de livro fotografia-reportagem *Ruas do medo*, foi utilizada a seguinte linha de desenvolvimento.

- A) Abranger a toda Curitiba com o objetivo de mostrar a realidade da violência na cidade, que não se limita às áreas periféricas, não se limita à vulnerabilidade de quem se encontra morando nas ruas.
- B) Vários representantes da resistência negra curitibana foram contatados para entrevista.
- C) Com o objetivo de mostrar diferentes aspectos da violência policial, foram entrevistadas pessoas que sofreram casos de agressões ou racismo sistemático, sempre com a opção de permanecer no anonimato ou permitir o registro de um retrato.
- D) Após as entrevistas, foram selecionadas uma palavra da fala de cada personagem, esta palavra dá nome ao “capítulo”, em grande maioria dos casos possui uma breve complementação textual que precede às falas.
- E) Dentre os entrevistados que permitiram ser identificados, foi realizada uma foto de perfil.
- F) Todas as fotos foram realizadas por uma lente 50mm.
- G) Todas as fotos, incluindo os retratos, foram editadas em preto e branco.

OS DEPOIMENTOS E ENTREVISTAS

Este trabalho foi construído a partir das entrevistas e depoimentos, feitos com oito pessoas pretas que narram diferentes realidades. Nos depoimentos, vão além da discriminação envolvendo os agentes de segurança. Tratam também de outras agressões racistas. Os personagens negros que deram entrevista para o livro são:



Diorlei Santos. Foto da autora, 2023.

Diorlei Santos - arte educador na ONG Passos da Criança, na Vila Torres, em Curitiba, primeira ocupação irregular da capital paranaense, com registros já nos anos 1950. Diorlei é também presidente do Bloco Afro Pretinhosidade. Com o capítulo Ancestralidade: “... nós somos pretos em diáspora, em África o nosso povo dança quando alguém morre, dança quando alguém nasce, dança para agradecer a colheita, para agradecer a alimentação, dança para quase tudo, isso é nosso, nos tiraram da África, mas não vão tirar de dentro da gente essa conexão...” (DURIGAN, 2023).



Giorgia Prates, Foto da autora, 2023.

Giorgia Tais Xavier Prates, 44 anos, fotojornalista, ativista social, vereadora em Curitiba pelo PT. Com o capítulo “minorias”. ...nós não somos minorias, a maior do país é negra, enquanto dizem para gente que somos minorias também estamos sendo separados do restante, é a maneira que foi estruturada a sociedade de agora, vamos acreditando que estamos em minoria, quando tivermos consciência de que

“não somos minoria, que isso influencia muito na política, na forma que as coisas estão postas, as coisas começam a mudar de figura” (DURIGAN, 2023).



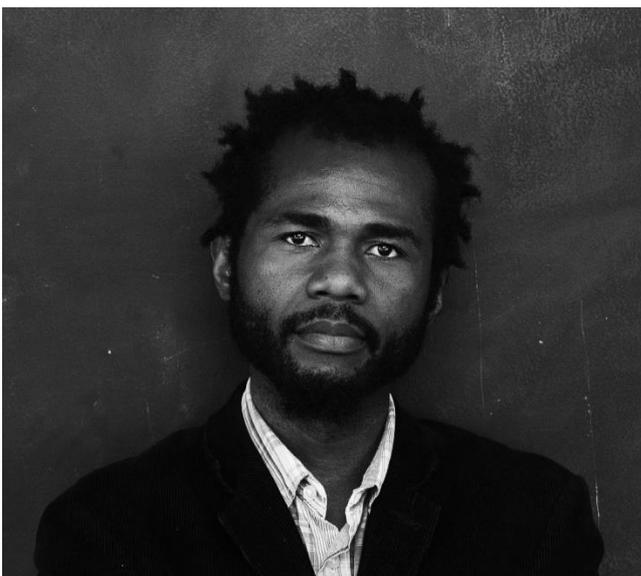
Renato Freitas. Foto da autora, 2023.

Renato Freitas, 39 anos, ativista, advogado pela UFPR, deputado estadual PT, ex-líder estudantil – ficou conhecido nacionalmente depois de sofrer perseguição ao entrar com manifestantes na Igreja de Nossa Senhora do Rosários dos Pretos, na capital paranaense. Com o capítulo Desmilitarização. “O processo é a desmilitarização das escolas, da sociedade como um todo e a discussão sobre essa busca por essa soberania europeia, nossas cidades são brasileiras, carregam a cultura brasileira ... ela não é só econômica, não está apenas nas instituições, a cultura também forma um país. Essa expressão do neocolonialismo é uma ameaça ao Brasil, sem ela o neonazismo não sobreviveria” (DURIGAN, 2023).



João Pedro. Foto da autora, 2023.

João Eduardo Pereira Pedro, 24 anos - jornalista esportivo, assessor de comunicação. Com o capítulo Elitismo: "O que gerou um maior estranhamento foi ser um espaço tão branco e tão elitista quanto no colégio que fiz cursinho, percebi que era muito segregado, era perceptível o pessoal que vinha do sistema de cotas e quem vinha da ampla concorrência, um menino falar que não foi na semana do trote porque não podia ficar gastando o dinheiro da passagem quando não tinha aula, enquanto tinha uma galera que gastava duzentos reais de café da tarde" (DURIGAN, 2023).



Rei Seely. Foto da autora, 2023.

Rei Seely, 34 anos, poeta haitiano, com obra publicada, pesquisador na área da educação na Universidade Federal do Paraná. Declara: “... nos é negado o pertencimento a esse país. Nós precisamos de leis que punam o racismo devidamente, não quero dinheiro, não quero que três mil reais comprem minha dignidade, precisa ser tratado como um crime sem fiança, onde essas pessoas sejam realmente tratadas como criminosos” (DURIGAN, 2023).



Juliana Barbosa. Foto da autora, 2023.

Juliana dos Santos Barbosa, 47 anos, professora e pesquisadora de Relações Públicas na Universidade Federal do Paraná (UFPR), doutora e pós-doutora em Estudos da Linguagem; estudiosa de samba, jurada das escolas de samba no Rio de Janeiro, com o capítulo Identificação. “Ouvi esses dias que aos poucos as coisas vão mudando, que não precisa ter briga, não, precisa ter briga, isso foi culturalmente e historicamente construído por muito tempo e está cristalizado não dá para esperar mais 300 anos para a história mudar. Precisamos discutir, denunciar e isto precisa estar na pauta de vários lugares, mesmo que digam “de novo isso?” Sim, para nós negros é todo dia isso, não é de novo isso é o tempo todo” (DURIGAN, 2023).



Luiz Geraldo. Foto da autora, 2023.

Luiz Geraldo Santos da Silva, 59 anos, professor do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná. É doutor em História Social, autor de livros como *Escravos marinheiros, senhores e locadores*, além de trabalhos de ficção, com o capítulo Estigma. "Um estigma só tem eficácia quando incorporado por aqueles que são estigmatizados, é que, portanto, introduzem o sinal de inferioridade humana, a sua própria construção como pessoa" (DURIGAN, 2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos os personagens residem em Curitiba e contam suas histórias com intuito de tornar nítido que a violência policial acontece em todas as ruas da cidade e não se concentra nas áreas periféricas. Lembre-se que todas as pessoas que cederam seus depoimentos e participaram das entrevistas são muito mais que o racismo que são submetidas.

A fotorreportagem busca interconectar uma narrativa visual, informando e comunicando-se por meio de uma série de fotografias. Neste livro, a grande maioria das fotos foram tiradas após a realização das entrevistas, com o objetivo de retratar o sentimento que residia em mim posteriormente o contato com os depoentes. O efeito que se quer criar é o da urgência do antirracismo (RIBEIRO, 2019).

REFERÊNCIAS

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CAMPOS, Ana Cristina. Negros são maioria dos mortos em ações policiais. **Agência Brasil**. Rio de Janeiro, 20 de novembro de 2018. Disponível em <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-11/negros-sao-maioria-dos-mortos-em-aco-es-policiais>> Acesso em: 13 fevereiro de 2023.

CHAUÍ, Marilena. **Sobre a violência**. São Paulo: Autêntica, 2017.

DURIGAN, Bruna. **Ruas do medo: a violência policial direcionada a pessoas pretas em Curitiba**. Curitiba: Edição da autora, 2023.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. L&PM: Porto Alegre, 2010.

GOMES, Laurentino. **Escravidão, Volume I: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares**. Porto Alegre: Globo, 2018.

IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada). **Atlas da violência 2021**. Brasília, Ipea, 2021. Disponível em <<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/5141-atlasdaviolencia2021completo.pdf>> Acesso em 03 de dezembro de 2022.

IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada). **Relatório de pesquisa - caracterização e quadros de análise comparativa da governança metropolitana no Brasil: arranjos institucionais de gestão metropolitana (Componente 1) - RM de Curitiba**. Rio de Janeiro, Ipea, 2015. Disponível em: <https://portalantigo.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/relatoriopesquisa/150909_relatorio_arranjos_igm_rm_curitiba.pdf>. Acesso em 15 de março de 2023.

LARANJEIRA, Álvaro Nunes. **A mídia e o regime militar**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2014.

RIBEIRO, Djamilia. **Pequeno manual antirracista**, São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANCHEZ, Fernanda. **A reinvenção das cidades para um mercado mundial**. Chapecó (SC): Ed. Argos, 2010.

SILVA, Luiz A. M. LEITE, Márcia P. **Violência, crime e política: o que os favelados dizem quando falam desses temas?**. Revista Sociedade e Estado, n. 22, dez 2007. Distrito Federal. Disponível em <https://www.scielo.br/j/se/a/bF6jffXLC7dtKTW6QZnmNrs/?lang=pt#> SciELO

SILVA, Tatiana Dias. **Ação afirmativa e população negra na educação superior: acesso e perfil discente**. Rio de Janeiro: Ipea, 1990. Disponível em https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10102/1/td_2569.pdf. Acesso em: 7 de dezembro de 2022.

SZABÓ, Ilona; RISSO, Melina. **Segurança pública para virar o jogo**. Editora Zahar: Rio de Janeiro. 2018.